

COELHO, Maíra Castilhos. **As múltiplas presenças do ator: novas relações e inovações em territórios cênicos**. 2017. 242 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, São Paulo, 2017.

RESUMO

No subcapítulo 4.5 “Teatro X Cinema em Jatahy, a autora aprofunda na trajetória de Jatahy, em especial a sua obra “ E se elas fossem a Moscou?”, trazendo uma rica análise do desenvolvimento da obra, tanto na narrativa quanto na técnica, é uma leitura muito boa, instiga muito para assistir a peça ou o filme, Christiane é muito sagaz, impressionante como vem desenvolvendo a sua pesquisa e aprimorando, fico com muitas questões pulsantes sobre o financeiro e como agir em caso de falha técnica, etc...

CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA

Esse subcapítulo traz uma riqueza de detalhes sobre Jatahy que não encontramos em outros locais e ela é uma inspiração e referência para nós. E nos causa curiosidade o seu arcabouço técnico para operar teatro e cinema ao vivo, ela é de fato uma referência para o teatro contemporâneo do século XXI. Esse entre lugar do teatro e o cinema, com as suas divergências e convergências.

PESQUISA AMPLIADA (definições complementares, conceitos extraídos de outros autores e materiais adicionais pesquisados. Pode ser organizado em uma tabela)

- atrizes da peça Moscou: Isabel Teixeira, Stella Rabello e Julia Bernat;
- iMAC
- software Black Magic

CITAÇÃO	COMENTÁRIO
combinação de performance, projeção de documentário e instalação. (Maíra Castilhos, 2017, p. 207)	linguagens híbridadas, assim como Marias e Madas
o elenco conversa com o público sem deixar claro, em muitos momentos, os limites entre interpretação, realidade e ficção. (Maíra Castilhos, 2017, p. 207)	essa confusão que causa no público é muito interessante
Na montagem de "Julia" cinema e teatro convivem integralmente, um filme é feito ao vivo a cada dia, misturando cenas pré-filmadas e cenas captadas na presença do público. (Maíra Castilhos, 2017, p. 208)	chegarmos nesse nível é bem desafiador, mas muito interessante de conceber

<p>a presença real (aqui e agora) do ator na cena e a referência ficcional do personagem, o real e o ficcional na dramaturgia se misturando e gerando uma terceira zona teatral, a indefinição proposital entre o território do ator e o do público, o diálogo com outras áreas artísticas e o uso de espaços não convencionais ou uso não convencional de espaços tradicionais. (Maíra Castilhos, 2017, p. 209)</p>	<p>levando em consideração o ponto de vista do espectador</p>
<p>e cinema. A escuta, por sua vez, presentifica esta linguagem. Estamos dispostos e atentos uns aos outros e também ao público, às câmeras, a todo o aparato técnico que utilizamos. (Maíra Castilhos, 2017, p. 211)</p>	<p>um cinema feito ao vivo. penso em Marias futuramente ter esse cine ao vivo, mas com um diálogo do espectador com a artista em cena</p>
<p>A peça propriamente dita é encenada, enquanto três câmeras capturam ao vivo imagens das cenas. A partir de cinco canais de vídeo, Christiane edita e monta um filme em tempo real, que é projetado na outra sala ao vivo. Antes de iniciar a experiência, portanto, o espectador escolhe em que lugar deseja estar: na plateia da peça ou do filme. (Maíra Castilhos, 2017, p. 211)</p>	<p>divisão de espaços de apresentação, muito interessante. Pensamos em uma separação no mesmo espaço por conta da técnica, antes era separadas de espaços físicos mesmo</p>
<p>O espectador é testemunha de um presente construído em cena através da exposição de dispositivos. Na versão teatral, o cenário é trocado a todo instante, são paredes, estantes e porta móveis, sofás e mesas arrastados, mudanças de perspectivas. O palco assemelha-se a um set de filmagem, com tripés e câmeras transitando pelos espaços, captando gestos, momentos, depoimentos. As trocas são assumidas, lembrando a todo momento que se está diante de um filme, realizado para aqueles que estão do outro lado – metáfora da morte, prenúncio de futuro. O outro lado não é visível, é da ordem do imaginário. Entretanto, na versão cinematográfica, o tempo teatral já é passado (MONTEIRO, 2015, p.308). (Maíra Castilhos, 2017, p. 215)</p>	<p>diferente do que pensamos em Marias, o cenário será minimalista no real e mais cheio no virtual, com mudanças de locais de acontecimento</p>
<p>Os espectadores da encenação recebem um papel – o de convidados de uma festa de aniversário. São servidos de bolo, suco e salgados em instantes de suspensão da quarta</p>	<p>uma relação mais intimista e “quebra-gelo” nos espectadores, deixando-os mais à vontade, pensamos também sobre o nosso</p>

<p>parede em notada diminuição da hierarquia entre os que fazem e os que assistem. (Maíra Castilhos, 2017, p. 217)</p>	<p>público, se iríamos limitar a quantidade de pessoas por sessão, para que possam experimentar a cena com mais tranquilidade. Acho essa ideia de ser um teatro intimista muito interessante e ousado.</p>
<p>Há um curioso intercâmbio de falas on e off entre a peça e o filme. Em vários momentos, o que é apenas ouvido na peça será visto no filme. Em outros, conversas apenas entreouvidas no palco são perfeitamente entendidas na tela. Microcenas que no palco são apenas paralelas tornam-se ação principal no filme. Isso garante, portanto, um coeficiente de originalidade para cada um dos formatos. (Maíra Castilhos, 2017, p. 220)</p>	<p>isso pode elucidar sobre as nossas questões sobre o que se mostra do outro lado e o que se faz?</p>
<p>Ele joga com a sua imagem, muitas vezes quase invisível. Temos o ator e seu duplo, real e virtual, simultaneamente ou não. (Maíra Castilhos, 2017, p. 225)</p>	<p>voltando ao debate sobre presenças que Maíra tanto debateu no capítulo 3 da sua tese, essa duplicidade e os desafios do artista da cena em desenvolver um jogo cênico.</p>